



## SOBRE O CONCEITO DE ÉTICA FORMAL EM HUSSERL

**Paulo Gilberto Gubert**

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria.  
[frpaulogubert@yahoo.com.br](mailto:frpaulogubert@yahoo.com.br)

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é demonstrar como Husserl desenvolve o conceito de ética formal em seu texto *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre*. Para tanto, será preciso assegurar que, muito embora o autor fundamente a razão prática sobre a lógica, a ética pura *a priori* somente atingirá sua completude se integrar a razão com o sentimento, a forma com a matéria.

**Palavras-chave:** Husserl. Fenomenologia. Razão prática. Ética formal. Ética material.

### ON THE CONCEPT OF FORMAL ETHICS IN HUSSERL

**Abstract:** *The main goal of this paper is to demonstrate how Husserl develops the concept of formal ethics in his text *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre*. For this purpose, we need to ensure that, although the author substantiates the practice reason on the logic, the pure ethics a priori will only reach its completeness if it integrates reason and sentiment, form and matter.*

**Keywords:** *Husserl. Phenomenology. Practical reason. Formal ethics. Material ethics.*

\* \* \*

## 1 Introdução

A proposta de ética formal de Husserl, formulada em seu texto *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre*<sup>1</sup> traz uma contribuição inovadora para a fenomenologia. O autor pretende, simultaneamente, manter o formalismo da lógica enquanto fundamento e demonstrar que uma ética pura *a priori* somente atinge sua plenitude se receber o “complemento” da ética material.

Sendo assim, intenta-se demonstrar, por meio deste artigo, que a filosofia prática de Husserl não pode ser compreendida se não forem apresentados, primeiramente, alguns pressupostos do método fenomenológico, que consiste na

---

<sup>1</sup> Escrito entre os anos 1908 e 1914, *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre* foi publicado pela coleção *Husserliana*, XXVIII, em 1993. Não encontramos tradução deste texto para o Português; por isso, usamos a tradução em Italiano *Lineamenti di etica formale*, publicada em 2002.

passagem do eu empírico ao eu transcendental. Em segundo lugar, será explicitado porque a razão prática deve ser fundada na lógica. Por fim, pretende-se evidenciar que, não obstante a racionalidade *a priori* presida as escolhas em sentido prático, o sentimento tem uma racionalidade e por isso pode ser formalizado.

Dito isso, entende-se que, para melhor situar o tema proposto, é preciso apresentar, ainda em caráter introdutório, a relevância do conceito de *epoché* para o ego transcendental, a questão da consciência enquanto produtora do mundo e o confronto da fenomenologia com o empirismo.

Para Husserl (1985) o ponto de partida do método fenomenológico está na atitude transcendental de um sujeito que, por meio da *epoché*<sup>2</sup>, consegue acessar a instância egológica transcendental, que é realizadora dos atos intencionais. Tudo o que pode ser chamado de “mundo” é produto das atividades intencionais do eu humano, neste caso, da consciência. Isto significa que o *ego* do sujeito que medita é transcendental, não se confunde com o eu enquanto simples fenômeno do mundo. O autor vai além e salienta que se trata “de uma *estrutura essencial da constituição universal* que apresenta a vida do *ego* transcendental, enquanto constituinte do mundo objetivo” (HUSSERL, 1985, p. 119, grifos do autor). Dessa forma, a atitude transcendental trata, primeiramente, “daquilo que me é próprio” (HUSSERL, 1985, p. 121), ou seja, do não estranho, de tudo que não é externo à consciência.

Ademais, a fenomenologia pode ser entendida como uma reação ao empirismo cético. Em seu texto *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, Husserl afirma que a fenomenologia está em controvérsia com o empirismo, dado que, para este, ciência autêntica é o mesmo que ciência empírica. Ele entende que “o erro de princípio da argumentação empirista reside em que a exigência fundamental de retorno às coisas mesmas é identificada ou confundida com a exigência de fundação de todo conhecimento pela *experiência*” (HUSSERL, 2006, p. 61, grifo do autor). Disso resulta que o empirismo não pode recorrer à evidência eidética, dado que a experiência direta não oferece generalidades, apenas singularidades.

Husserl confronta-se, sobretudo, com os empiristas que se consideram os filósofos autênticos – os positivistas –. Augusto Comte, o fundador do positivismo, defendeu a ideia segundo a qual o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Para os positivistas, outras formas de conhecimento humano podem ser desconsideradas, caso não passem pelo crivo da ciência. A teologia e a metafísica, por exemplo, não passam de superstições. Disso resulta que é somente por meio dos avanços científicos que a humanidade pode progredir (COMTE, 1978).

Husserl (2006), por sua vez, entende que não são as ciências positivas que explicam o mundo, mas a atividade da filosofia. Sendo assim, a consciência deve passar de produto para produtora do mundo. O autor entende que, “se ‘positivismo’

---

<sup>2</sup> De acordo com Abbagnano, “na filosofia contemporânea, com Husserl e a filosofia fenomenológica em geral, a [*epoché*] tem finalidade diferente: a *contemplação desinteressada*, ou seja, uma atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo ou do próprio mundo na sua totalidade. Com a [*epoché*], diz Husserl, ‘pomos fora de ação a tese geral própria da atitude natural e pomos entre parênteses tudo o que ela compreende; por isso, a totalidade do mundo natural que está sempre ‘aqui para nós’, ‘ao alcance da mão’ e que continuará a permanecer como ‘realidade’ para a consciência, ainda que nos agrade colocá-la entre parênteses. Fazendo isso, como é de minha plena liberdade fazê-lo, não nego o mundo, como se fosse um sofista, não ponho em dúvida o seu existir, como se fosse um cético, mas exerço a [*epoché*] fenomenológica, que me veta absolutamente qualquer juízo sobre o existente espaço-temporal” (2007, p. 339, grifos do autor).

quer dizer tanto quanto fundação, absolutamente livre de preconceitos, de todas as ciências naquilo que é ‘positivo’, ou seja, apreensível de modo originário, então somos *nós* os autênticos positivistas. Com efeito, não deixamos que *nenhuma* autoridade – nem mesmo a autoridade da ‘moderna ciência da natureza’ – subtraia nosso direito de reconhecer todas as espécies de intuição como fontes igualmente válidas de legitimação do conhecimento” (HUSSERL, 2006, p. 64, grifos do autor).

## 2 O método

O método fenomenológico consiste em um ato livre de um sujeito, assinala Husserl (2006). Trata-se de uma atitude, uma orientação, expressa pelo conceito de *Einstellung*<sup>3</sup>. Esta atitude implica em dois momentos distintos. Primeiramente é preciso entrar no domínio da consciência e de suas vivências. Isto significa que há um legado da filosofia de Brentano<sup>4</sup> e de Dilthey<sup>5</sup> na fenomenologia husserliana. Em segundo lugar, o ingresso se dá no domínio dos fenômenos transcendentais.

A fenomenologia transcendental pode ser considerada uma ciência das essências, ou ciência eidética. Portanto, trata-se de uma ciência que unifica toda a diversidade das ciências naturais. Neste caso, o desafio é passar do fenômeno psicológico para a essência pura. Isto só é possível por meio de uma racionalização da vida, ou seja, a *epoché*, que põe entre parênteses o mundo factual. Esta dimensão factual diz respeito a tudo o que está dado, ou seja, a realidade dos fatos (HUSSERL, 2006).

A *epoché* permite que se tenha uma ideação, uma “visão” da essência. A essência, por sua vez, é um objeto novo. Este objeto ideal pode ser visto, pois ele se dá como presença concreta à consciência. A essência não porta em si a realidade, mas pode ser realizada empiricamente por meio da vida prática. Em contrapartida, a vida humana factual também pode ser compreendida como essência, como pura possibilidade.

Não obstante todo o laborioso trabalho de ideação da *epoché*, Husserl (2002) entende que os atos da consciência não se separam de seus correlatos, os atos empíricos. As situações “vivas” pelos seres humanos não podem ser formatadas e

<sup>3</sup> Para Sokolowski (2012), a atitude natural é a posição original, na qual o sujeito está orientado para o mundo, intencionando coisas, fatos e situações. A atitude fenomenológica, por sua vez, consiste em descrever todas as intencionalidades do *ego* junto com seus correlatos; por exemplo, ao descrever a crença no mundo, toma-se o mundo como seu correlato. Esta atitude – transcendental – é que permite levar a cabo as reflexões filosóficas. Portanto, passar da atitude natural para a atitude fenomenológica significa tornar-se filósofo.

<sup>4</sup> Husserl foi aluno e estudioso da filosofia de Brentano, que publicou o livro *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis* em 1889, traduzido ao espanhol pelo título *El origen del conocimiento moral*. Brentano propõe um método de renovação da filosofia, combatendo o ceticismo. Ele parte da psicologia para propor a origem intuitiva dos conceitos. Enquanto as ciências naturais são orientadas pelas percepções do mundo externo – fenômenos físicos –, a psicologia parte dos objetos da percepção interna – fenômenos psíquicos –. A totalidade dos fenômenos psíquicos pertence a uma mesma e única realidade: a consciência (BRENTANO, 2002).

<sup>5</sup> O texto *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* foi publicado por Dilthey em 1894. Por um lado, Dilthey entende que a psicologia explicativa “estabelece um vínculo causal que pretende tornar concebíveis todos os fenômenos da vida psíquica” (2008, p. 10). Para tanto, trabalha com hipóteses e utiliza os moldes da física e da química para explicar os fenômenos psíquicos. Contudo, a vida corporal está sempre vinculada aos fenômenos mentais. Os acontecimentos físicos (sensoriais) são primários em relação aos fenômenos psíquicos (vontade). Por outro lado, o autor salienta que a psicologia descritiva lida com o conteúdo da psique (mente), enquanto vida da consciência que pode ser descrita cientificamente. Há uma unidade da vida psíquica, vinculada com a base natural, mas com viver próprio. Destas vivências psíquicas resultam as bases para os conceitos lógicos (DILTHEY, 2008).

niveladas, pois não se resolvem meramente por meio de um imperativo universal, como se verifica na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, de Kant. Neste contexto é que se insere a ética husserliana, que tem por função regular a vida prática, a conduta dos seres humanos, procurando adequar determinadas normas aos fatos da vida cotidiana.

Para tanto, Husserl (2002) mantém a convicção de que é possível intuir a essência de um bem ético. Disso resultará o fundamento para uma ética pura, uma ciência da vida racional. Por outro lado, será necessário uma retomada da esfera afetiva, enquanto decisiva para pensar a questão prática.

### 3 A ética formal

Há um pressuposto ético no método fenomenológico. Entende-se que a atitude fenomenológica porta em si uma dimensão ética, na medida em que ela envolve uma atitude do ego com relação à constituição do mundo, que é simultaneamente um compromisso com a racionalidade. A racionalidade, por sua vez, é imprescindível para a elaboração da filosofia prática husserliana.

Husserl (2002) assevera que o ato ético é metódico, pois representa um recomeço e um retorno ao originário do eu humano, livre e transcendental. Este ato implica em um caráter de decisão entre querer e poder. Disso resultará a busca de um aprimoramento humano, de um ego que está sempre em aberto e em construção. Para tanto, o método deve ser entendido como uma pedagogia da vida racional<sup>6</sup>. A ferramenta mais adequada para esta pedagogia é a lógica, conforme fica evidenciado na primeira seção do texto *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre*<sup>7</sup>, no qual Husserl procura estabelecer um paralelismo entre a lógica e a ética. Não obstante, verificar-se-á que o formalismo ético se funda no formalismo lógico.

Primeiramente, Husserl (2002) assinala que a lógica não é arte, mas uma técnica, uma doutrina da ciência, visto que lhe fornece as regras *a priori*. Formalizar torna possível a existência das ciências, independentemente de sua aplicação. Neste sentido, o autor entende que a lógica, “enquanto ciência das formas das proposições possíveis e das leis da verdade possível (proposições verdadeiras) sobre a base da mera e pura forma – pode ser compreendida em si e delimitada na forma pura em sua ideia própria”<sup>8</sup> (HUSSERL, 2002, p. 31, tradução nossa).

Husserl (2002) entende, portanto, que a lógica formal, sendo uma disciplina *a priori*, não está ligada de modo factual a nenhum conteúdo. A lógica não é uma disciplina técnica que dirige de forma prática o conhecimento. Não toma o pensamento a partir de leis naturais e contingentes, mas a partir dos nexos ideais que vão além do ato de pensar. Por conseguinte, trata-se de uma ciência dos

<sup>6</sup> Percebe-se a influência de Platão no texto de Husserl. No *Crítion, ou do Dever*, Platão (1995), narra a tentativa de Crítion de convencer Sócrates a não aceitar a sentença de morte e fugir da execução. Contudo, Sócrates resiste, afirmando que jamais cederia a outra razão senão àquela que sua reflexão demonstrasse como sendo a melhor. Ao enunciar esta tese, Platão entende que o logos está na alma. Sendo assim, não se pode assumir uma tese externa que não passe antes pelo crivo da consciência.

<sup>7</sup> A questão nodal do texto está expressa nos seguintes termos: “*come posso ordinare razionalmente la mia vita e le mie aspirazioni, come posso sfuggire alla penosa discordia con me stesso, come alla legittima riprovazione dei miei simili? Come posso disporre la mia vita intera al bello e al buono e come posso, in linea con l'espressione tradizionale, ottenere la pura eudaimonia, la vera felicità?*” (HUSSERL, 2002, p. 32).

<sup>8</sup> “*Una logica [...], in quanto scienza delle forme di proposizioni possibili e delle leggi di verità possibili (proposizioni vere) sulla base della mera e pura forma – può essere colta per sé e delimitata in forma pura nella sua idea propria*” (HUSSERL, 2002, p. 31).

significados, das unidades ideais, ou seja, a esfera material não entra no âmbito da lógica pura.

Contudo, verifica-se a possibilidade de uma discussão formal com relação à racionalidade prática humana. Isto se deve ao fato de que, para Husserl (2002), a lógica é fundamental para as teorias normativas. Estas, por sua vez, tratam daquilo que “deve ser”, pois os atos subjetivos não estão desvinculados da racionalidade. Nesse sentido, é a subjetividade que, de alguma forma, está visando algo ideal<sup>9</sup>. Este visar significa “ver” o inteligível que emerge de uma situação factual. Ademais, é por meio da evidência enquanto saber imediato que se sustenta o edifício teórico, bem como toda possibilidade de um conhecimento sólido, muito embora a ciência deva ultrapassar a evidência, para se fundar definitivamente na teoria.

Neste contexto, Husserl entende que a ética pura é *a priori* na medida em que delimita “um sistema de princípios puros e absolutos da razão prática”<sup>10</sup> (2002, p. 33, tradução nossa). Para tanto, o modelo proposto é o de uma ética pura aos moldes de uma matemática pura. O autor esclarece que, tal “como a aritmética pura é o fundamento essencial da técnica do cálculo, assim uma ética pura deverá ser o fundamento essencial de uma arte ou de uma disciplina técnica do agir humano racional”<sup>11</sup> (2002, p. 34, tradução nossa).

Este paralelismo proposto entre o campo teórico e o campo prático é possível por meio da equiparação entre a ideia de verdade e a ideia de bem. Destarte, o paralelismo não é de conteúdo, mas de forma. Isto implica, por exemplo, em afirmar que o agir incorreto é entendido como tomar o não bem pelo bem. De acordo com Husserl, “uma teoria antiética teria como consequência uma prática antiética. Pode-se também, similarmente, procurar demonstrar que a negação paralela da validade absoluta daquilo que é lógico exigiria uma prática antilógica”<sup>12</sup> (2002, p. 39, tradução nossa).

Ademais, a orientação para o bem implica que algo é posto pela consciência intencionalmente como sendo “o bem”. Isto significa que há uma evidência e um desejo da consciência, ambos voltados para o bem. Neste sentido, Husserl entende que “ver com evidência o verdadeiro equivale, ao menos no momento da evidência, a pô-lo como verdadeiro, e desse modo, a julgá-lo correto”<sup>13</sup> (2002, p. 36, tradução nossa). Do mesmo modo, ver com evidência o bem prático, deixar-se comandar por ele, significa orientar-se, “direcionar a vontade para uma meta, significa querer assumir a direção universal para o bem”<sup>14</sup> (2002, p. 36, tradução nossa).

Diante disso, é preciso salientar que por meio de sua ética formal, Husserl (2002) intenta objetar a tese cética humeana acerca da teoria psicologista da moral

<sup>9</sup> Segundo Husserl, “*che questa tecnica logica, per ciò che concerne i suoi fondamenti teorici, dipenda dalla psicologia è un fatto ovvio*” (2002, p. 27).

<sup>10</sup> “[...] *un sistema di principi assoluti e puri della ragion pratica*” (HUSSERL, 2002, p. 33).

<sup>11</sup> “[...] *come l’aritmetica pura è il fondamento essenziale della tecnica del calcolo, così un’etica pura dovrebbe essere il fondamento essenziale de un’arte o di una disciplina tecnica dell’agire umano razionale*” (HUSSERL, 2002, p. 34).

<sup>12</sup> “[...] *una teoria anti-etica avrebbe come conseguenza una prassi anti-etica. Si può anche similmente cercare di mostrare che la negazione parallela della validità assoluta di ciò che è logico richiederebbe una prassi anti-logica*” (HUSSERL, 2002, p. 39). Neste ponto, fica evidente a aproximação com o princípio de não contradição, proposto por Aristóteles (2003) na *Metafísica*: uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

<sup>13</sup> “*Vedere con evidenza il vero equivale, almeno nel momento dell’evidenza, a porlo come vero, e con ciò a giudicarlo corretto*” (HUSSERL, 2002, p. 36).

<sup>14</sup> “[...] *tendere la volontà verso una meta, significa voler assumere l’universale direzione verso il bene*” (HUSSERL, 2002, p. 36).

da experiência<sup>15</sup>. Hume (2009) assinala que há uma passividade da razão em relação à vontade, que, por sua vez, é impulsionada pelas paixões. Neste contexto, o papel da moral é instigar as paixões, com o intuito de produzir ou evitar as ações. A moralidade está vinculada à prática, o que significa, para Hume (2009), que ela não se funda e nem deriva da razão.

Por conseguinte, segundo a tese humeana, não há dever em sentido puro, ou ainda, não há no agir nenhuma razão. Para Husserl (2002), há um contrassenso nesta tese, dado que, se o cético reconhece esta regra e age de acordo com ela, já está desmentindo-a<sup>16</sup>. Por exemplo, quando o sujeito reconhece a validade de uma regra prática de conduta e, voluntariamente, se deixa conduzir por esta regra, ele está agindo de forma racional. Por outro lado, se o sujeito não reconhece nenhuma regra da razão como válida para orientar seu agir, ele entra em contradição, pois sua atitude já está pautada por uma regra. Sua regra é não seguir uma regra racional.

Muito embora Husserl (2002) entenda que a ética formal deve estar fundada sobre a lógica, isto não significa um abandono do problema prático da ética material, das vivências, do sentimento. Do contrário, o autor pretende evidenciar que o sentimento tem uma racionalidade e por isso pode ser formalizado.

#### 4 O complemento da ética material

A ética pura ou formal é a racionalidade *a priori* que preside as escolhas em sentido prático. Entretanto, para Husserl (2002) ela só atinge sua plenitude se receber o complemento da ética material. Isto significa que as vivências são fundamentais para a racionalidade prática. Esta parece ser a originalidade de Husserl (2002) em relação a Kant (2007) no que concerne à ética. Para este último, o imperativo categórico<sup>17</sup> é decisivo para a tomada de decisões concretas, embora seja puramente formal.

De acordo com Husserl, as leis ligadas ao conhecimento em geral desempenham uma função análoga ao valorar e ao querer. Ele entende que “a ética se refere ao agir assim como a lógica se refere ao pensamento, e como esta aspira ao pensamento correto ou racional, aquela aspira ao agir correto e formal”<sup>18</sup> (HUSSERL, 2002, p. 53, tradução nossa). Sendo assim, uma incorreção formal prévia deve seguir o mesmo sistema de uma contradição lógico-formal.

Diante disso, a questão fundamental de Husserl (2002) é demonstrar como é possível transpor os princípios formais *a priori* da ética pura para a esfera prática. Por um lado, a forma abstrai, independe do conteúdo. Por outro lado, a prática requer uma subjetividade, ou seja, na esfera prática, a forma requer o conteúdo. A ética não está fundada nos sentimentos, mas não pode prescindir deles. A razão é a porta-voz dos sentimentos, que, por sua vez, podem elevar-se à racionalidade.

Nesse sentido, Husserl (2002) entende que toda decisão já implica em um juízo, ou seja, em um ato de julgar racional e puramente formal. Constitui-se assim

<sup>15</sup> Husserl (2002) pretende combater a ética empirista, que se desdobra em biologismo e psicologismo. O primeiro visa estabelecer uma ética da utilidade biológica para a espécie considerada. O segundo designa que os valores éticos são regras factuais do agir humano.

<sup>16</sup> Husserl entende que “*Hume non cadde in controsenso per il fatto di contestare la possibilità di una giustificazione razionale delle scienze empiriche, ma solo perché offriva al contempo una teoria psicologica di questa conoscenza, la quale, in quanto scientifico-empirica, presupponeva la possibilità della conoscenza scientifico-empirica*” (2002, p. 46).

<sup>17</sup> “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (KANT, 2007, p. 59)

<sup>18</sup> [...] *l’etica si riferisce all’agire così come la logica si riferisce al pensiero, e come questa mira al pensiero corretto o razionale, quella mira all’agire corretto o razionale* (HUSSERL, 2002, p. 53).

uma analogia entre a razão teórica e a razão prática. Há uma implicação lógica na ação do agente, que pode ser explicitada e que é fundamental para a compreensão da ética.

O problema é que, na esfera prática, o sujeito está em busca do bem em cada situação singular; mas a ética formal não trata de casos particulares. Diante disso, o desafio torna-se mais abrangente, pois precisa articular forma, conteúdo e matéria<sup>19</sup>. A resposta a esse desafio carece ser pensada, primeiramente, por meio da analogia entre o juízo formal e o juízo prático, entre o ser e o dever ser.

A analogia requer, além disso, que, correspondentemente à separação entre o julgar e o conteúdo do juízo (entre o pensar e os conteúdos do significado do pensar), se possa e se deva distinguir na esfera prática entre o querer enquanto ato e, por assim dizer, o conteúdo do querer enquanto significado do querer, enquanto proposição prática<sup>20</sup> (HUSSERL, 2002, p. 67, tradução nossa).

Neste âmbito, a lógica prepondera de tal forma que se pode definir quais são as proposições válidas para a constituição das leis práticas formais *a priori*. Disso resulta que é possível a ideia de correção prática formal (HUSSERL, 2002). Todavia, a correção formal, em conformidade com as leis formais, não deixa espaço para a correção prática dos casos singulares. É preciso aprender a extrair o imperativo da singularidade.

Para tanto, o sujeito deve valorar e tomar posição, pois quando alguém diz que algo é bom ou belo, estas vivências podem ser submetidas à correção, dado que elas estão vinculadas ao juízo formal. Sendo assim, é preciso levar em conta as contingências, acreditando que, a partir delas, chega-se a um sujeito ético que realiza uma valoração que possa ser reconhecida por todos, ou seja, uma axiologia formal (HUSSERL, 2002).

Os atos práticos, como o ato de decidir – e seu correlato, a decisão –, dependem da axiologia formal que preside o “querer” e o “agir”. Por isso podem ser investigados enquanto ideias *a priori* em geral. Dessa forma, quando o sujeito está “volitivamente” voltado para algo concreto, este ato volitivo pode ser investigado enquanto querer genuíno, ou seja, enquanto dever ser. Em outras palavras, Husserl (2002) afirma que é possível compreender de que forma o “querer” pode se tornar racional, por meio de uma valoração que, por sua vez, permite que se faça uma análise do conteúdo significado pelo sujeito.

Todavia, o querer racional não é um fato da experiência. Em que consiste então a racionalidade do querer? Husserl esclarece que “a razão é somente uma, a razão lógica, e que, portanto, a razão prática e a razão axiológica são apenas um particular âmbito de aplicação da razão lógica”<sup>21</sup> (2002, p. 74, tradução nossa).

De acordo com Husserl (2002), os valores são objetos fundáveis. A valoração se funda em uma percepção, ou seja, para haver um sentimento é preciso que haja

<sup>19</sup> Husserl (2002) assinala que, para Kant este desafio não se põe, pois o imperativo é, não apenas necessário, mas também suficiente enquanto critério da moralidade. O imperativo vale tanto formalmente, quanto para a situação contingente, singular.

<sup>20</sup> *L'analogia richiederebbe inoltre che, corrispondentemente alla separazione tra il giudicare e il contenuto del giudizio (tra il pensare e i contenuti di significato del pensare), si possa e si debba distinguere nella sfera pratica tra il volere in quanto atto e, per così dire, il contenuto del volere, in quanto significato del volere, in quanto proposizione pratica* (HUSSERL, 2002, p. 67).

<sup>21</sup> [...] *la ragione è solo una, la ragione logica, e que dunque la ragion pratica e la ragione assiologica sono solo un particolare ambito di applicazione della ragion logica* (HUSSERL, 2002, p. 74).

uma intuição. Para tanto, é necessária a ação da consciência doadora originária à qual tudo é remetido pela intencionalidade<sup>22</sup>. Isto significa que a função da razão teórica é constituir os valores que os atos afetivos intuem e que, por sua vez, foram pré-traçados pelas emoções.

Por conseguinte, a razão prática não rege por si mesma os valores. Neste contexto, a razão axiológica encontra-se oculta a si mesma, pois quem a revela é a lógica racional. Husserl salienta que “o conhecimento não inventa nada, mas traz à tona algo que em certo modo já está presente”<sup>23</sup> (2002, p. 80, tradução nossa). Sendo assim, a vontade não fala por si, não enuncia o que está presente nela, ela depende dos atos lógicos para tanto. Todo ato intencional depende de ideias normativas que se passam na esfera lógica.

Enfim, o que torna correto o querer é a disposição intencional do sujeito para o bem. Não obstante, Husserl (2002) entende que a retidão lógico-formal não determina a retidão do agir do sujeito, pois as escolhas e decisões estão sempre ligadas a um contexto, a uma factualidade. Em ética, não se pode concluir com princípios formais, pois o sujeito está diante de situações humanas, da vida cotidiana. Ademais, percebe-se que há, em Husserl (2002) uma lógica da esfera subjetiva, na medida em que o desejar, o querer e o sentir, não são apenas vivências objetivas da consciência, mas seu movimento intencional está voltado para a constituição de uma sociedade ética.

## Conclusão

Husserl (2002) discorda do imperativo categórico de Kant (2007), pelo fato de que, se não houver uma “realização” do sujeito – já implicada em suas ações –, é impossível ter ética. O sujeito, na medida em que busca integrar o racional, o volitivo e o contingente, está buscando o bem e não simplesmente obedecendo a uma norma. Portanto, não se trata de um fechamento em um formalismo vazio.

Por outro lado, Husserl (2008), agora em acordo com Kant (2008) acredita em um constante melhoramento da humanidade. Kant, em seu texto *A religião nos limites da simples razão*, afirma que há um progresso “do princípio bom em ordem a erigir-se no gênero humano, enquanto comunidade segundo leis de virtude, um poder e um reino que afirma o triunfo sobre o mal e garante ao mundo, sob o seu domínio, uma paz eterna” (KANT, 2008, p. 144). Husserl, por sua vez, no texto *Renovação: seu problema e método*, assinala que é preciso reconhecer, “como uma exigência ética absoluta, uma semelhante disposição para o combate em direção a uma humanidade melhor e a uma autêntica cultura” (HUSSERL, 2008, p. 05).

Para tanto, é preciso que haja uma crença na racionalidade enquanto modelo diretriz, “enquanto possibilidade de um progresso ético continuado sob a direção do ideal da razão” (HUSSERL, 2008, p. 05). Crer no poder da racionalidade não implica em criar um mundo imaginário e fictício e lá permanecer. Do contrário, o papel da

<sup>22</sup> Segundo Abbagnano, Husserl inspirou-se em Brentano ao assumir a noção de intencionalidade “não mais como característica dos fenômenos psíquicos entendidos como um grupo de fenômenos que coexistam com outros fenômenos chamados físicos, mas como a definição da própria relação entre o sujeito e o objeto da consciência em geral. Husserl diz a este propósito: ‘A característica das vivências (*Erlebnisse*), que pode ser indicada como o tema geral da fenomenologia orientada objetivamente, é a intencionalidade. Representa uma característica essencial da esfera das vivências, porquanto todas as experiências, de uma forma ou de outra, têm intencionalidade... A [intencionalidade] é aquilo que caracteriza a consciência em sentido pregnante, permitindo indicar a corrente da vivência como corrente de consciência e como unidade de consciência” (2007, p. 577).

<sup>23</sup> [...] *la conoscenza non inventa nulla, essa porta semplicemente alla luce ciò che in un certo modo è già presente* (HUSSERL, 2002, p. 80).

razão se torna real na medida em que evidencia a essência e as possibilidades de seu objetivo, além de um método que possa realizar efetivamente o objetivo traçado. Somente por meio desta clareza intelectual é que se pode pensar em um legítimo ideal de bem comum.

\* \* \*

## Referências

ABBAGNANO. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2003.

BRENTANO, Franz. **El origen del conocimiento moral**. Trad. Manuel García Morente. Madri: Tecnos, 2002.

COMTE, Augusto. **Curso de filosofia positiva**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DILTHEY, Wilhelm. **Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica**. Trad. Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2008. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/dilthey\\_wilhelm\\_psicologia\\_descritiva\\_e\\_analitica.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/dilthey_wilhelm_psicologia_descritiva_e_analitica.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2015.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. Trad. Débora Danowski. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lineamenti di etica formale**. Trad. Paola Basso e Paolo Spinicci. Firenze: Le Lettere, 2002.

\_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Trad. Maria Goreti Lopes e Souza. Porto: RÉS, 1985.

\_\_\_\_\_. **Renovação: seu problema e método**. Trad. Pedro Alves. Covilhã: LusoSofia Press, 2008. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/husserl\\_edmund\\_renovacao\\_seu\\_problema\\_e\\_metodo.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_renovacao_seu_problema_e_metodo.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Trad. Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2008. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/kant\\_02.pdf](http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/kant_02.pdf)>. Acesso em: 07 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, LDA, 2007.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2012.